

Um frustrativo tupi: usos e funções de *tipɛ* em ka'apor

Gustavo de Godoy e Silva¹

Resumo

Este artigo examina o enclítico frustrativo *tipɛ* na língua ka'apor, pertencente à família tupi. Primeiramente, apresenta um levantamento do frustrativo no tupi antigo e em línguas aparentadas, destacando diferentes morfemas e suas funções semânticas e pragmáticas. Em seguida, analisa a distribuição e os usos de *tipɛ*, explorando sua função canônica de marcar eventos sem resultado e sua interação com a negação, o futuro e construções contrafactuais. São abordados também seus usos avaliativos, concessivos e como atenuador pragmático em pedidos. Um dos aspectos mais inovadores discutidos é o papel de *tipɛ* na codificação da percepção alterada em narrativas míticas, refletindo um descompasso entre a experiência do protagonista e a realidade compartilhada. Ao descrever esses usos em contexto, o estudo busca contribuir para uma compreensão mais detalhada da frustratividade no ka'apor e para sua comparação com outras línguas indígenas da América do Sul.

Palavras-chave: Ka'apor, Frustrativo, família linguística tupi

Abstract

This article examines the frustrative enclitic *tipɛ* in the Ka'apor language, a member of the Tupi family. First, it surveys frustrative markers in Old Tupi and related languages, highlighting different morphemes and their semantic and pragmatic functions. It then analyzes the distribution and usage of *tipɛ*, exploring its canonical role in marking unfulfilled events and its interaction with negation, future tense, and counterfactual constructions. Additionally, it examines its evaluative and concessive uses, as well as its role as a pragmatic mitigator in requests. One of the most innovative aspects discussed is the use of *tipɛ* to encode altered perception in mythological narratives, revealing a misalignment between the protagonist's experience and shared reality. By describing these uses in context, this study aims to contribute to a more detailed understanding of frustrativity in Ka'apor and to its cross-linguistic comparison with other Indigenous languages of South America.

Keywords: Ka'apor, frustrative, Tupian family

¹ Universidade Federal do Paraná; Universidade do Texas em Austin.

Talvez seja de mau gosto homenagear com o “frustrativo” a história da pesquisa com línguas indígenas no Brasil. Ainda mais ao comemorarmos o centenário do primeiro linguista moderno do país, o curitibano Aryon Dall’Igna Rodrigues (1925-2014), que – além de suas pesquisas – dedicou-se à criação de departamentos e à formação de pesquisadores interessados nas verdadeiras línguas desta terra.

A convite de Darcy Ribeiro, Rodrigues tornou-se o primeiro Chefe do Departamento de Linguística da Universidade de Brasília (UnB) em 1963, estabelecendo o primeiro departamento formal de linguística em uma universidade brasileira e abrindo caminho para a institucionalização da área no país (cf. Grannier, 2014). No entanto, após o golpe militar de 1964, a UnB sofreu intervenções severas, e seu fundador, Darcy Ribeiro, foi exilado. Professores foram demitidos em massa, incluindo Rodrigues, que recusou convites para lecionar no exterior e optou por continuar sua pesquisa sobre línguas indígenas no Brasil. Em 1966, tornou-se pesquisador no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, um espaço de tradição nos estudos sobre povos indígenas. Entretanto,

diante de pressões e dificuldades institucionais, aceitou, em 1973, o convite para revitalizar o programa de pós-graduação em Linguística da Unicamp.

Na Unicamp, Rodrigues consolidou a formação de uma nova geração de pesquisadores em línguas indígenas. Dos orientandos dele na Unicamp, destaco os que fizeram trabalhos que considero particularmente interessantes: Adair Palácio, a primeira mulher a obter um doutorado em Linguística no Brasil, com estudos sobre o guató; Daniel Everett, conhecido por seu trabalho com o pirahã (1979), hoje envolto em polêmicas midiáticas; Cheryl Jensen, especialista em linguística comparativa e estudiosa do wajãpi (1984) e sistematizadora da morfologia das línguas tupis-guaranis (1998); e Nilson Gabas Júnior, atual diretor de um dos mais importantes departamentos de linguística do Brasil, o Museu Goeldi, que iniciou sua carreira com uma descrição fonológica do arara-karo (1989).

Em 1988, com a Lei da Anistia, Rodrigues foi reintegrado à UnB, onde havia fundado o Departamento de Linguística nos anos 1960. Já aposentado da Unicamp, decidiu retornar a Brasília, onde continuou sua carreira, ampliando a pesquisa sobre línguas indígenas e coordenando o Laboratório de Línguas Indígenas (LALI).

Seu impacto na linguística brasileira é marcante. No entanto, talvez não seja um exagero falar, com o perdão do trocadilho, de “frustrativo” especificamente da pesquisa linguística no Paraná, onde Aryon Rodrigues cresceu e iniciou sua extensa carreira, que frutificou mais em outros estados. Sem ofensas: houve, sim, um passado notável de estudos de línguas indígenas no Paraná, mas ele não se enraizou nem frutificou. Hoje, essa tradição é praticamente inexistente na cidade natal de Aryon D. Rodrigues. Curitiba não desenvolveu uma linhagem contínua de linguistas dedicados às línguas indígenas, e poucos pesquisadores no Paraná deram continuidade a esse campo após a saída de Rodrigues do nosso estado. E é por isso que ele deve ser especialmente lembrado na UFPR e na revista que fez o frustrativo ser notado nos trabalhos de linguística.

Esta contribuição ao estudo das línguas indígenas começa, em §2, com um levantamento dos elementos que codificam o frustrativo no tupi antigo. Destaco que a família tupi, como já apontado brevemente por Jensen (1998), ex-orientanda de Rodrigues, e mais amplamente por Overall (2017), apresenta essa categoria em várias de suas línguas. Além disso, Overall demonstra que o frustrativo é uma categoria saliente em outras famílias da América do Sul, como aruaque, pano, caribe, chicham, tukano, naduhup e em algumas línguas isoladas.

O objetivo de §2 é mostrar que há uma quantidade significativa de dados do tupi antigo – e do guarani antigo – que giram em torno do conceito de frustrativo. Embora essa categoria tenha sido identificada há muito tempo, ainda constitui uma fonte subexplorada de informação.

Em §3, apresento uma sequência de exemplos e as diversas funções do frustrativo *tipe* no ka’apor. Demonstro que *tipe* é uma categoria central

na língua, ocorrendo em diferentes contextos: desde sua função canônica de marcar ações sem resultado até sua interação com a negação, sentenças avaliativas, futuro, usos contrafactuais, polidez e gradação de conhecimento. Por fim, destaco uma das funções mais intrigantes desse morfema, observada em uma narrativa mítica, onde *tipe* codifica a percepção alterada do mundo resultante da transgressão de resguardos em situações de vulnerabilidade.

O antigo frustrativo em tupi

Na presente revista *Letras*, em um passado já distante, no ano 1953, Aryon Rodrigues publicou uma síntese da morfologia verbal do tupi antigo. Galucio (2014: 164, 2001: 151-152) comenta que essa referência seria o primeiro local que reconheceria a categoria frustrativo para as línguas da família tupiana. Com o tempo, a noção de frustrativo foi refinada e incorporada à linguística comparativa, tornando-se um conceito descritivo aplicado a diferentes línguas. Alguns trabalhos usaram a mesma denominação para o conceito como na análise do axíninca del Apurucayali (Payne 1982: 44). Outros falam em planos ou intenções frustradas, mas não sufixam o mágico *-ivo* que transforma algo em uma palavra do linguistiquês, como na análise de *Cem* em tohono o'odham (Copley 2005).

Segundo a definição de Overall (2017), um frustrativo é um elemento gramatical que indica que um evento não concretizou um resultado esperado, implicado pela proposição principal da cláusula onde ocorre. Pode haver outra oração que explicita a razão dessa frustração. Sua função está ligada ao domínio epistêmico, pois reflete o conhecimento e as expectativas sobre o resultado de um evento, podendo assumir funções aspectuais e avaliativas. Ao classificar o morfe *biã* como “frustrativo”, Rodrigues (1953: 139), atualiza uma nomenclatura mais antiga. Infelizmente, no artigo em questão, feito como um útil resumo geral e sinóptico, não há um comentário mais amplo sobre suas funções, nem de onde surgiram os rótulos utilizados. Um dos exemplos que Rodrigues anota é um pequeno exemplo que se encontra em Anchieta (1595: 21v) *a-só-biã* “fui, mas não consegui nada”. Aqui é curioso notar que houve um duplo apagamento de Anchieta, sendo citado eventualmente por Rodrigues ou por sua aluna Jensen (1998: 539). Em outros trabalhos, a fonte do dado virou o próprio Rodrigues.

Diante disso, é importante recorrer diretamente ao próprio Anchieta para compreender seu tratamento do morfema *biã*. Anchieta explicou *biã* como “imperfeito”:

Pera o präterito imperfeito fe lhe foe juntar, *biã*, monoffyllabo, vt *Açobiã*, ja eu, mas. Ainda que este, *biã*, fe junta com todos os outros, significando que fe não cumprio ofim pera que fe fazia a

obra, ou algum impedimento. vt, *Açôbiã*, fuy eu, mas nem por iffô me derão tal. *Açaucûbiã*, Amo o eu, mas nem por iffô me ama. tendo o accufatiuo expreffo, ha de ficar, biã, in fine, vt *Aiucâabâbiã*, mato a alguém mas. E afsi fem efte, *biã*, ferue o profente por imperfeito, vt in conjugatione fimphciter & fem outra algũa particula. (Anchieta 1595: 21v)

Uma viagem que não teve sucesso em sua finalidade (não se vai à toa), e um amor não correspondido (não se ama plenamente quando é platônico) são os escassos contextos que podemos tirar dessa explicação. Do assassinato não sabemos quais expectativas frustrou. Infelizmente essa falta de contexto, presente em vários exemplos jesuíticos se mantiveram até as descrições linguísticas atuais, onde apenas uma tradução básica é fornecida.

Em outros escritos podemos encontrar mais contextos e funções para *βiã*, bem como para outras construções similares. E aqui devemos observar que o contexto é parte necessária do dado disponível para análise. Apenas com uma rápida glosa, tal como das antigas artes e da maioria das presentes descrições gramaticais, não conseguimos depreender suas funções. O teatro e poesia de Anchieta, bem como outros com sentido óbvio são uma boa base para compreender a frustração tupi. Afinal, com eles podemos saber das imagens e cenas envolvidas.

O Auto de São Lourenço, peça cujo nome deriva do santo que apadrouou os temiminós aliados dos portugueses critica os antigos costumes tupis, concretizando-os em diabos do grupo inimigo, os tupinambás. Nessa peça, observam-se usos do frustrativo que assumem a função de marcar construções concessivas. Entram em cena imperadores romanos, perseguidores dos cristãos.

Um deles, Décio, diz (a glosa para o frustrativo é FRUS):

(1)	<i>Xe resy Lore-ka'ẽ, xe morubixaba biã.</i>			
	<i>s'ẽ-resĩ</i>	<i>lore-ka'ẽ</i>	<i>s'ẽ-moruβis'iaβa</i>	<i>βiã</i>
	1SG. assar	Lourenço-defumado	1SG.chefe	FRUS

“– Assa-me o Lourenço tostado, **embora** eu seja um rei.” (Anchieta, 2006: 92).

Com essa tradução vemos que a ideia de um aspecto (ou modalidade) frustrativo(a) carrega um parentesco com os concessivos. Ainda que o eu lírico fosse um chefe, o santo Lorenço, padroeiro dos aliados dos portugueses, o atacou.

45 anos depois da publicação de Anchieta, Montoya (1640: 19 [2011: 185]) repete a ideia de que o morfe cognato *biñã~biá* do guarani é comparável ao pretérito imperfeito. Mas com uma ressalva: “No determinadamente, que fiempre fea imperfecto: pues puede fer prefente”. Ou seja, não é o tempo gramatical o traço distintivo do morfe, mas o “tempo” das expectativas. Segundo Montoya, omorfeseriatambémcorrespondentea“pero”

ou “empero” (adversativa), pois *ahechá biñã* é “eu vi algo frustrativamente, pois foi algo que não foi desejado por mim, ou não foi dado para mim” – infelizmente aqui o contexto da sentença traduzida também é escasso. No *Tesouro* (Montoya 1639 [2011: 621]), há um exemplo adicional: *ayapó biñã*, “faço/fazia algo, mas não valeu nada ou não foi satisfatório”. Em Montoya, o morfe está presente em sentenças comparativas, que não comentarei aqui.

Além do morfe *-biã*, outras formas que também expressavam frustração no tupi antigo. Algumas dessas não foram reconhecidas como frustrativos ou que não fica claro se o são, tal como comentou Overall (2017: 494-496) em sua síntese e proposição desse conceito comparativo. Em uma análise recente do tupi antigo, Ferraz Gerardi (2023: 211-212), além de citar brevemente *biã*, ainda indica três “partículas” – *jõte*, *je* e *(?)ĩ* – que seriam variantes da expressão da frustratividade. Nos exemplos analisados, *jõte* e *(?)ĩ* marcam ações realizadas sem intenção ou sem propósito definido, como em “Eu fui (sem intenção)” e “Eu dei (sem intenção)”. Seriam o nosso “à toa”, enquanto *biã* seria “debalde, em vão”. A combinação de *(?)ĩ* e *je* reforça essa nuance, sugerindo que a ação foi feita de maneira despropositada ou sem motivo aparente, como em “Eu simplesmente fiz isso (sem razão)”.

Além desses, ainda há dois morfemas que expressam que algo foi feito em vão ou inutilmente (cf. Navarro 2013:174, 473,). Um deles é *jepe* que também traz uma ideia consessiva. E o outro é *tejẽ*. Assim Figueira (73v) documenta *jepe a-so* ‘irei debalde’. E também (Figueira 74-74v), após citar *biã*, observa que *o-so tejẽ* é ‘foi debalde’.

Um exemplo de *jepe* vem do auto de São Lourenço, quando o diabo-servo Aimbirê fala para o diabo-rei Guaixará sobre um evento de 9 de julho de 1566. Nesse dia, um barril de pólvora estourou, amedrontando os tamoios, inimigos dos portugueses e aliados dos franceses, e fato que foi atribuído a São Sebastião, padroeiro da colonização portuguesa na Guanabara. Aimbirê diz a Guaixará: *ere-j-pitißõ jepe* “**embora/frustrativamente** você tenha ajudado (os tamoios)”. Outra sentença explica o resultado não esperado: *o-sij muru* “os malditos (tamoio) tremeram (de medo)” (Anchieta 2006: 20-21).

Há também *tejẽ*, usado pelo mesmo diabo Guaixará, quando diz que os jesuítas vieram debalde para pregar: *ou tejẽ sje-pe?a-ßõ* ‘vieram **em vão** para me expulsar’ (Anchieta 2006: 10). Aqui o frustrativo é usado porque Guaixará ainda está rondando as aldeias coloniais. Mais adiante entre em cena os santos da colonização. O diabo-servo Aimbirê quer mostrar que os aldeões estão sob sua influência e diz que vai contar seus pecados para São Sebastião. O mártir replica: *t-a-s-aenu tejẽ* ‘vou escutar debalde’ (Anchieta 2006: 36-37). O *tejẽ* do tupi antigo provavelmente corresponde ao *teĩ* do guarani antigo, descrito por Montoya (1639 [2011: 543]) como algo feito com falsidade, sem justificativa ou proveito.

Um terceiro morfe, que talvez não se encaixaria exatamente na definição de Overall (2017) é *ramwer*, que lexicaliza frustração como uma espécie de verbo “frustrar-se”, talvez indicando algo um pouco diferente como em *i-ramwer sje-so* ‘não ouue efeito minha ida’ ou *sje-so-ramwer-a*. É a palavra composta *ramwer* um verbo, segundo Anchieta. Trata-se de uma soma do *ram* ‘futuro’ com o *pwer* ‘pretérito’ nos nomes, segundo Anchieta (1595: 33-34), ou, respectivamente, segundo Rodrigues (2010: 22-23) “o que há de ser” que indica “uma coisa que ainda não alcançou seu estado normal” e “o que foi [...] já perdeu seu estado ou condição normal”. Tanto Rodrigues (2010) quando Cruz (2016), que discute seu uso e origem no nheengatu, observaram que a morfologia dessas raízes funciona como um nominal ou verbo estativo.

Assim explica Anchieta (1595):

Estes como confita de sua fignificação, tem parte de futuro, & preterito, o que ouuera de fer, & não foy, donde nace o verbo, *jrám-boêr* [*i-ramwer*], muito vfado, vt, *jramboêrxeçô* [*i-ramwer sje-so*], não ouue efeito minha ida, vel *xeçôramboéra* [*sje-so-ramwer-a*], minha ida que ouuera de fer. E afsi sua propria formação he do futuro, addito præterito, vt, *Tobâráma* [*toß-a-ram-a*], rofto que ha de fer, mutato vltimo, a,em,*boera*, fica, *ramboéra*, vt, *tobârâboéra* [*toß-a-ramwer-a*]. Mas pera mais facilidade tomeſe eſta regra.

Ele parece indicar interrupção de uma ação planejada, como em *i-ramwer sje-so* ‘não houve efeito minha ida’, antes de que uma ação que foi feita e não teve o fim esperado.

Caso seja possível, com as fontes do antigo tupi, relação entre essas formas, sua semântica e distribuição, teriam que ser melhor estudadas por um especialista qualificado nessa língua. O que quis mostrar aqui é que esses marcadores são interessantes e disponíveis na literatura tupi. E m b o r a variantes cognatas das formas frustrativas do tupi antigo tenham sido descritas em várias línguas aparentadas, sua distribuição e funções ainda são pouco compreendidas. Os cognatos de *βiã* parecem ser os menos numerosos, tendo sido identificados por Jensen (1998: 539) *miamo* do guajajara, *mijã* do wajãpi e *vijã* do guarayu. Porém, sendo seu trabalho uma síntese geral, Jensen não apresenta em profundidade nenhum desses elementos e eles não são rapidamente verificáveis em descrições mais recentes.

Na língua descendente do tupi antigo, o nheengatu, é utilizado um *jepe* (Cruz 2011: 379). Há usos similares mas outros que mereceriam melhor observação sobre os contextos de uso. Em asurini do Xingu é *d̥ʒepe* e também tem o significado de “fingir fazer algo” (Pereira 2009: 183), que é antes “frustrar” em relação uma aparência externa do que o movimento interno do evento e que se poderia relacionar com o “fictivo” identificado no tupi antigo

por Rodrigues (1953: 140). Outro conjunto de similaridades aparentes ocorre entre aweti *tepe* (Reiter 2011), com o ka'apor *tipe* (Kakumasu 1986: 390). Em wajãpi, há *ipe* e *panẽ* (Copin 2012: 143-144).

Em asurini do Xingu, há também *panemi*, identificado como frustrativo (Monserrat 1988: 28; Nicholson 1982: 11). Um morfema similar ocorre em parakanã (2003: 133) e araweté (Solano 2009: 128, 227-228, 473), onde o frustrativo *pane* é usado para eventos evitados, mais do que para ações sem um resultado alcançado, como na sentença “eu quase quebrei um jabuti”. Outras variações cognatas incluem *pana* no ava-canoeiro (Silva 2015) e *panẽ* no apyãwa, onde aparece em contextos como “querer matar em vão” (Praça 2013: 347). No araweté, há ainda um outro morfema similar ao *futat panemi* do asurini do Xingu, que Solano (2009: 228-229) descreve como um “frustrativo com intenção” (cf. abaixo a seção §3.4). No kamaiurá, além de *jepe* (frustrativo contra-expectativo), há *-panem*, que expressa uma ação sem sucesso e pode coocorrer com *jepe* (Seki 2000: 338). No wajãpi, os frustrativos *panẽ* e *ipe* também são registrados (Copin 2012: 141, 143, 153), o que aproxima essa língua do kamaiurá e do asurini do Xingu.

Esses exemplos devem derivar de *panema*, palavra que também entrou no português brasileiro, um conceito que passou por gramaticalização e que originalmente descrevia o estado de um caçador azarado, ou seja, frustrado em sua busca. Essa origem sugere que, em diversas línguas tupis, o frustrativo pode ter se desenvolvido a partir de expressões ligadas ao insucesso na caça, um domínio experiencial fundamental para muitas dessas sociedades.

Nas línguas que podemos chamar de “guaranianas” e “guaraniódes”, a combinação do futuro nominal com o passado é definida como frustrativo: sirionó <*rague~dague*> (Priest 1980) yuki <*rague*> (Villafañe 2004: 172), cognatos com o *ramwer* do tupi. Em yuki, o morfe parece poder aparecer de forma independente com sentido de predicação “que inútil!” (Villafañe 2004: 173). Ainda nesse subconjunto guaranióde de línguas há outra série de morfemas cognatos entre si e cognatos do antigo tupi *tejẽ*, considerados frustrativos: <*tei~teĩ*> do guarani chaquenho (ex-chiriguano, Dietrich 2010: 347-349) e *teĩ* do mbya (Dooley 2016). Dietrich (2006) faz uma proposta etimológica para essa forma., dizendo que derivaria de *-te* intensificador. Para ele, a frustração seria um possível desdobramento da intensidade, ou seja, a ênfase na realização da ação carrega consigo a possibilidade do fracasso. Entretanto, a forma do tupi antigo *tejẽ* talvez indique outro rumo etimológico.

Os frustrativos são reconhecidos há tempos e amplamente identificados em diversas línguas, formando agrupamentos de cognatos. No entanto, apesar dessas identificações, ainda falta um estudo mais detalhado sobre os contextos de uso e as variações funcionais desses morfemas. A maior parte das descrições limita-se a categorizar os frustrativos sem aprofundar

suas nuances semânticas e pragmáticas, muitas vezes sem oferecer contexto suficiente para compreender suas condições de uso. Como apontado por Overall (2017: 179), as análises frequentemente se restringem a poucos exemplos, sem considerar se todos esses elementos compartilham realmente uma base funcional comum.

Além disso, os estudos descritivos sobre frustrativos geralmente se concentram na morfologia e na categorização superficial dos morfemas, sem investigar a complexidade semântica subjacente. Em muitos casos, as frases analisadas são extraídas de seus contextos discursivos, omitindo informações cruciais para entender por que um evento foi frustrado. Como demonstram os estudos de Kroeger (2017, 2024), as variações dentro da categoria frustrativa são múltiplas: um evento pode ter sido planejado, mas não realizado; pode ter sido iniciado, mas interrompido; pode ter ocorrido, mas sem alcançar o efeito esperado. Para que o frustrativo se torne um parâmetro de comparação realmente translinguístico, é essencial que futuras pesquisas ampliem a documentação contextualizada de seu uso, explorando suas interfaces com negação, modalidade e evidencialidade em diferentes tradições linguísticas.

Diante dessas questões, a análise de casos específicos pode oferecer uma visão mais detalhada sobre como os frustrativos operam em diferentes línguas. O ka'apor, por exemplo, apresenta o morfema *tipe*, cuja diversidade de usos permite explorar a interação do frustrativo com outros domínios gramaticais e suas diferentes funções. A seguir, analiso os diversos contextos de uso de *tipe*, oferecendo uma primeira abordagem para sua compreensão.

Ka'apor: alguns usos do frustrativo

O povo ka'apor vive na Terra Indígena Alto Turiaçu, no Maranhão, uma das últimas grandes áreas contínuas de floresta da Amazônia Oriental. Eles falam a língua ka'apor, do ramo maweti-guarani da família Tupi. Tradicionalmente se sustentam da caça, pesca, agricultura e coleta, que os faz manter uma forte da floresta, que é fonte de alimentação, remédios e conhecimentos. Apesar das fortes pressões externas, como invasões, desmatamento e projetos de mineração, o povo ka'apor vêm fortalecendo suas formas de governo, vigilância territorial e educação própria.

A língua ka'apor também é falada em municípios ao redor da Terra Indígena e em outras reservas indígenas contíguas. A língua se mantém como o principal meio de comunicação na comunidade, sendo transmitida às novas gerações na maioria das aldeias, com exceção de uma. A língua ka'apor está em contato com outras línguas na região. Uma dessas línguas é também exclusiva desse povo, trata-se de sua língua de sinais, desenvolvida pelos surdos e com os surdos dentro da comunidade falante (Godoy 2022, 2020). Além da presença da língua ka'apor de sinais, há interações com membros dos povos tembé e timbira, que atualmente falam português em diferentes graus. Além disso,

os falantes de awá-guajá na área também são competentes em ka'apor. Esse cenário plurilíngue faz do ka'apor uma espécie língua dominante na escala regional da Terra Indígena, agregando falantes de diferentes origens, tal como o português faz numa escala diferente.

Os exemplos a seguir são em sua maioria derivados de pesquisa com o método de linguística documental, através de acervo audiovisual digital e publicamente disponível. Além disso há exemplos escritos, dos textos enciclopédicos de Faustino Rossi Kaapor. Faustino Rossi Ka'apor é reconhecido por seu trabalho como professor, tradutor e autor de materiais sobre a cultura e a língua de seu povo. Ele reside na Aldeia Axyngy renda, no município de Centro do Guilherme, Maranhão. Entre suas contribuições, destaca-se a participação na compilação da obra *Ymaniha ta Ma'e Panduha ke*: Mitos Urubu-Kaapor, publicada pela Sociedade Internacional de Linguística em 1990 e 2005, que reúne narrativas tradicionais do povo Ka'apor. Desde 2018, Faustino Rossi Ka'apor tem compartilhado registros escritos relacionados à cultura e à natureza de sua região, escritos esses que estamos tentando transformar em publicação. Atualmente, seus cantos estão sendo registrados e arquivados no âmbito de nosso projeto de documentação, *Yman har ma'e pandu ha: Myths and accompanying co-speech gestures in Ka'apor* (Godoy e Abreu 2022).¹

Há também exemplos retirados da tradução do Novo Testamento, que poderiam parecer dados estranhos, mas, tendo em vista que ele foi revisado por diferentes pessoas ka'apor, incluindo Faustino Rossi, podemos fiar o uso desses dados, ao menos na intenção de nosso artigo. Nos exemplos falados uso o Alfabeto Fonético internacional para representar a fonêmica da língua. Nos exemplos escritos simplifico a interlinearização e não uso o Alfabeto Fonético Internacional como representação fonêmica.

Faustino Rossi Ka'apor é um dos professores mais antigos do povo ka'apor, com experiência na produção de textos e na tradução. Ele descreve o frustrativo, das sentenças afirmativas, como algo que não é verdadeiro, uma ação “como se fosse de mentira”, uma explicação que se alinha parcialmente ao conceito comparativo de frustrativo.

A função mais canônica do frustrativo é marcar a não realização de um evento esperado. Isso significa que uma ação foi iniciada, planejada ou parecia levar a um determinado resultado, mas esse resultado não se concretizou. Um exemplo da função mais canônica de frustrativo é um canto (2) que o

¹ Agradeço a todo pessoal ka'apor que me recebeu e ensinou, em especial os que cito suas palavras nesse artigo. Fui financiado pelo Endangered Languages Documentation Programme (ELDP), com bolsa de pós-doutorado hospedada no departamento de linguística da Universidade do Texas em Austin, para as pesquisas realizadas entre 2022 e o presente. Agradeço a André Sanches de Abreu e a Kristina Balykova pelo interesse nos frustrativos, parceria na pesquisa e por sugestões e correções no presente artigo. Todos os erros, como manda a fórmula, são meus. Mas talvez tudo não passe de uma impressão, oscilando entre a entropia e a sintropia do pensamento.

agora finado Sarumã ru (ou Mati) ouviu enquanto estavadoente. Na ocasião, Mati viu fantasmas que cantaram a ele, dizendo que vieram em vão, pois Mati não iria para o mundo dos mortos e acabaria melhorando.

- (2)

<i>nɛ</i>	<i>rɛhɛ</i>	ja-jur	= <i>tipe</i>	ã
2SG	junto.de	1pl-chegar	FRUS	?

‘Viemos debalde até você’.

Contexto:
Os mortos acharam que Mati já iria morrer e vieram até ele para levá-lo. Entretanto Mati avisou que estava se curando e que não ia não com os espíritos dos mortos.

Um outro exemplo, de uma narrativa mítica contada por Ximi ru (ou Xa’y), conta de um ka’apor que achava que o próprio irmão estava tendo um caso com a esposa. Entretanto, isso não era verdade, segundo a versão de Xa’y.

- (3)

<i>i-mũ-rakehar</i>		<i>rɛhɛ</i>	<i>i-ɔ</i>	= <i>jɛ</i>			
3-irmão ♂-esposa		junto.de	3-estar	=HSY ¹			

‘Diz-se que (homem A) estava junto da esposa de seu irmão (B).’ (isso é, estava chegando a vias de fato)

<i>nɪ/(ɔj)*</i>	<i>anĩ</i>	<i>tipe</i>	= <i>jɛ</i>	<i>aʔɛ</i>	<i>u-kʷa-ha</i>	<i>tɛʔɛ</i>	<i>aja</i>
nad(a)	não	FRUS	=HSY	3	3-saber-NMLZ ²	apenas	assim

‘Mas não (era verdade), diz-se que, era apenas o que ele (B, o irmão pseudo-traído) pensava.’

<i>maʔã-im</i>	<i>tipe</i>	<i>i-ɔ</i>	<i>ɛhɛ</i>	= <i>jɛ</i>
3.namorar-negação	FRUS	3-estar	junto.dele	=HSY

‘Em vão (homem A) não estava olhando para ela (para a esposa de B).’
Gênero: narrativa mítica, por Ximiru ou Xa’y.
Contexto: início de uma narrativa que conta sobre um homem (A) que foi abandonado por seu irmão (B) no topo de uma árvore.

Aqui o frustrativo tem como escopo dois sintagmas: o da particula de negação *anĩ*, e o do verbo ‘olhar-namorar’ sufixado com a negação. O que torna esse caso particularmente interessante é que ele exemplifica um evento inexistente marcado pelo frustrativo, pois mesmo que não tenha acontecido a traição, o marido ciumento interpretou a situação como se ela tivesse acontecido. No caso da oração afirmativa (1), uma ação foi executada mas não teve o resultado esperado (os espíritos foram até Mati, cantaram mas não o levaram, tal como pressupuseram que aconteceria). Em (2), uma ação não existente (a traição) acarreta uma consequência não esperada (tentativa de fratricídio). Portanto, o uso do frustrativo indica que o esperado era a falta de qualquer consequência negativa por algo que não aconteceu.. Em outras palavras, os espíritos agiram com uma visita que não culminou em morte. Já o ciumento agiu com uma vingança baseada em uma percepção equivocada da realidade.

- (i) Evento (espíritos chegam e cantam)→resultado não realizado (morte)

¹ HSY é ‘hear say, um evidencial reportativo.

² Nominalizador.

(ii) Evento (tentativa de fratricídio) → resultado não realizado (paz entre irmãos)

Mais dois exemplos de negativas frustradas são encontrados nos escritos por Faustino Rossi Kaapor. Eles também demonstram claramente que o frustrativo não desfaz a negação. O primeiro (4) vem da história dos irmãos, um filho do deus Mair e outro filho do enganador Mucura. Esses dois meninos estavam no ventre da mesma mãe, que acabou indo parar na casa dos Jaguaretês. A avó Onça se simpatiza da mulher grávida e a esconde. Quando os Jaguares chegam, a avó Onça não lhes fala onde está a mulher: em vão, pois os jaguares vão descobrir e matar a grávida para comer.

- (4) “Nde rehe amō awa ke uwyr my?”
“Por acaso chegou ninguém até você?”
A’i pandu ym tipe.
idosas 3.falar neg FRUS
A velha (Onça) não falou em vão (pois descobririam a mulher escondida).
Gênero: narrativa mítica escrita (Faustino Rossi Kaapor).

O segundo exemplo (5) é particularmente interessante. Faustino Rossi escreve sobre o uso da casca de ipê como remédio de resguardo. (Como é um texto escrito e o morfe em foco é apenas um pedaço da sentença, simplifico a interlinearização, para não desfazer o estilo ortográfico.)

- (5) Puhā aja saka. Awa u’u ym tipe. I’ar pe awa pyrū tī.
É como remédio gente 3-beber NEG FRUS pisa em cima dela

Pe mupyano.
Então é tratado

(A casca de ipê) é como remédio. **Embora** não se beba. Se pisa em cima (da casca). Então fica tratado.
Gênero: explicação enciclopédica escrita, por Faustino Rossi Kaapor.

Neste caso, a negativa frustrativa não implica que a ausência da ingestão resulte na ausência do efeito medicinal. O frustrativo *tipe* introduz uma contradição aparente entre a forma esperada de uso de um remédio (ingerido) e o efeito terapêutico alcançado por outro meio (pisando sobre a casca). Em uma afirmativa, quando uma pessoa ingere um remédio – *awa u-ʔu*, espera-se um efeito de cura ou tratamento, expresso como *mupiano*. Se não há ingestão (*awa u-ʔu-im* com negação), pressupõe-se que não haverá efeito. Entretanto, no caso analisado, o uso de *tipe* em *awa u-ʔu-im tipe* indica que, apesar da ausência da ingestão, o efeito esperado (cura) ainda ocorre. Assim, o frustrativo não apenas marca a quebra entre expectativa e realidade, mas também sugere um deslocamento no conceito de causalidade: o tratamento acontece mesmo sem o ato canônico de beber o remédio, demonstrando que *tipe* pode operar na interface entre frustração de expectativa e concessividade.

Essa interação é diversa das interações do escopo do frustrativo e da negação da língua sakurabiat (do sub-ramo tupari), tal como estudadas por Galucio (2014: 172-174). Nessa língua, o frustrativo cancela a negação como

nos exemplos em que algo quase não aconteceu, mas acabou acontecendo, como nos exemplos em que um tapir quase não morreu exemplo (14a) e (14b) em Galúcio (2014), aqui renumerado como (6) e (7) ,ou que alguém quase não foi encontrado em casa exemplo indexao como (12) em Galúcio, não reproduzido aqui.

(6)	<i>po:riat</i>	<i>mĩ-a</i>	<i>õt</i>	<i>se-pak^{wa}-r-ap</i>	Etaop
	anta	atirar-vogal.temática	1SG	3-morrer-PST-NEG	FRUS
	‘Eu atirei na anta, e ela quase não morreu (ela quase sobreviveu, mas acabou morrendo).’				
(7)	<i>po:riat</i>	<i>mĩ-a</i>	<i>õt</i>	<i>se-pak^{wa}-r-ap</i>	
	anta	atirar-vogal.temática	1SG	3-morrer-pst-neg	
	‘Eu atirei na anta, e ela não morreu.’				

No exemplo (6) do sakurabiat, a partícula frustrativa ocorre após uma forma verbal negada. O efeito semântico dessa combinação é inverter o valor da negação: a sentença, que literalmente expressa que o animal “não morreu”, passa a significar que ele de fato morreu, ainda que contrariando uma expectativa ou possibilidade anterior. A presença da partícula frustrativa etaop introduz a ideia de que a morte do animal era improvável ou quase não ocorreu, mas acabou acontecendo. Já no exemplo (7), estruturalmente semelhante, porém sem o frustrativo, a negação permanece válida e o sentido final é que o animal realmente sobreviveu. Assim, no sakurabiat, a partícula frustrativa pode ter como efeito cancelar ou anular a negação anterior, resultando em um evento que efetivamente aconteceu, embora fosse inesperado. Isso não acontece em ka’apor, já que nessa língua o frustrativo pode operar sobre o evento negado como um todo. Em sakurabiat ele tende a desqualificar a negação, tornando um evento frustrativamente negado, pois efetuado.

Frustrativo avaliativo

O *tipe* pode veicular insatisfação, sendo usado como um “infelizmente”, codificando, portanto uma expectativa. Isso é, uma função avaliativa (Overall 2017: 484) No exemplo (5), Faustino Rossi comenta que atualmente há muitas mudanças, e que os costumes de seu povo agora são diferentes.

(8)	<i>amõ kotu</i>	<i>aja</i>	<i>saka</i>	<i>tipe</i>
	Diferente	assim	parecem	FRUST
	‘Infelizmente, agora as coisas estão diferentes’			
	Gênero: áudio de WhatsApp			
	Contexto: Comentário sobre as mudanças culturais, antes dessa frase foi comentado quais mudanças os jovens estão adotando			

Futuro frustrativo: A continuidade não realizada

Para codificar uma ação que se pretendeu fazer, mas não se fez, combina-se o futuro, com o sufixo verbal *-ta*, com o *tipe*, como já observou Kakumasu, chamando essa função de “intenção não realizada” (1986: 390-391).

O exemplo a seguir (6) é de uma narrativa mítica contada por Sarumã mãe (ou Filomena), quando um caçador que foi em busca de matar um jagaretê encantado, chamado *aε*, não volta. Sua esposa então relata o que ele foi fazer, mas não sabe o que aconteceu. Embora a dúvida paire sobre a esposa, ela parece supor que a caçada deu errado, visto que ele ia matar, o que pressuporia já ter voltado.

- (9) *aε* *juk^wa-ta* *tipe* *ã* *aja=je*
Aé 3matar-fut FRUST ? assim=hsay
'(Ele) tinha ido matar Aé, assim disse (ao pajé). (Mas até agora não voltou)'
Gênero: narrativa mítica, por Sarumã mãe ou Filomena.
Contexto: A esposa do personagem desaparecido relata o que ele teria ido fazer.

Alguns exemplos bíblicos (LIGA BÍBLICA INTERNACIONAL 2012) usam essa sequência, como quando José, ao saber que Maria estava grávida, quis a deixar (6).

- (10) “*Mã! Imembyr*” *aja Jose ukwa rahã,* *Mari ke* *hijar ta tipe.*
“Eita! (Maria tem filho!)” Quando José soube isso a Maria ele iria abandonar
Gênero: Tradução escrita do Novo Testamento.
Contexto: José iria abandonar a Maria, mas o texto observa que não seria um abandono regular, pois depois José decide que iria cancelar de forma secreta, para não demoralizar Maria.

Uma interpretação contrafactual da combinação do futuro com o subordinador *rahã* torna-se evidente no exemplo (11), retirado do capítulo 11 do Evangelho de Mateus, onde Jesus censura cidades que testemunharam seus milagres, mas não se arrependeram. Em especial, destaca-se a cidade de Cafarnaum — onde Jesus viveu por um período significativo e que, segundo a tradição, seria também a cidade natal de Mateus. Apesar de ter sido palco de muitos feitos de Jesus, Cafarnaum é comparada desfavoravelmente a Sodoma e condenada com severidade (Mateus 11:23). Corazaim e Betsaida, outras cidades citadas, também são colocadas em construções contrafactuais, nas quais se afirma que, se os milagres tivessem sido realizados em cidades pagãs, estas teriam se arrependido.

- (11) *Aja ymanihar* *Sondo ok ta pe* *ihẽ* *a-ma'e~ma'e-ta* *tipe* *rahã,*
Assim, na cidade de 1sg 1sg-fazer~red-FUT FRUS se
antigamente Sodoma
ame'ẽ ok ta apo *i-xo-ta* *tipe* tĩ.
essa cidade agora 3-existir-FUT FRUST também
‘Assim se antigamente eu tivesse realizado meus feitos na cidade de Sodoma, essa cidade ainda existiria.’

Essa interpretação contrafactual está presente também em uma sentença negativa no tempo futuro.

- (12) Ma'e mukaniha u-wyr ame'e ke ok jar ukwa rahã, u-kwer-ym-ta tipe
- ladrão 3-vir isso dono da casa se soubesse 3-dormir-neg-fut frustr
- Se o dono da casa souber da chegada de um ladrão, não dormiria.
- Gênero: Tradução escrita do Novo Testamento.

Das que frustram a expectativa de sua categoria

O exemplo (13) a seguir mostra um uso de *tipe* modificando um nome, em vez de uma oração inteira. Nesse contexto, ele assume uma leitura concessiva. Além disso, sua posição difere dos outros exemplos, nos quais *tipe*, que parece ser um enclítico frasal, aparecia na periferia final (“direita”) da sentença (cf. uma versão parcial do template da estrutura da sentença verbal em Kakumasu 1986: 385) e escopava toda a oração. Aqui, no entanto, *tipe* ocorre imediatamente após o nome ‘moça’, indicando que a frustração recai sobre a expectativa vinculada a esse constituinte.

- (13) kujātāj tipe 22 anos ahiha namõ i-jõ
- moça FRUST doença com 3-estar
- Embora sejam jovem mulheres, 22 anos, estão com doenças.
- Gênero: áudio de WhatsApp
- Contexto: Comentário sobre a falta de cumprimento atual dos cuidados tradicionais, durante épocas de resguardo, o que leva a problemas de saúde.

Aqui, a concessividade emerge da contradição entre a expectativa frustrada associada à juventude (“moça” implicando vitalidade) e a realidade (“estar doente”). Dessa forma, *tipe* atua como um marcador de frustração sobre essa expectativa, sinalizando a discrepância entre o esperado e o real, como nos exemplos anteriores. No entanto, há uma diferença importante: enquanto em outros casos o frustrativo incidia sobre eventos, aqui ele modifica um constituinte nominal, demonstrando uma interação mais localizada dentro da estrutura da sentença.

Polidez como desejo frustrativo

O *tipe* também pode ser utilizado como meio de fazer pedidos e requisições serem mais polidos e, nesse caso, ele é usado junto do verbo *putar* ‘querer’. Eu levei algumas cartilhas feitas no âmbito de um de nossos projetos e, como não tinha muito dinheiro, consegui imprimir umas 15 no máximo. Distribui para alguns colegas do povo e dei a maioria para Faustino Rossi,

professor, cantor e intelectual colaborador de nossa pesquisa. Mesmo assim foram poucas e Faustino Rossi então falou:

- (14)
- | | | |
|-------------|----------------|-------------|
| <i>heta</i> | <i>a-putar</i> | <i>tipe</i> |
| muitas | 1SG-querer | FRUST |
- ‘Eu gostaria de muitas (cartilhas)
Gênero: mensagem de WhatsApp
Contexto: Necessidade de muitos exemplares de uma cartilha

Este uso de *tipe* apresenta semelhanças com o frustrativo *dara* do kimaragang, descrito por Kroeger (2017, 2024: 9-10) e com o frustrativo *cem* do o’odam (Hale 1969: 2006). Em kimaragang, o frustrativo não apenas indica um desejo ou expectativa incerta — sinalizando que a realização do pedido não é garantida — mas também evita que o desejo seja completamente invalidado. Sua principal função é a atenuação pragmática, tornando a solicitação menos direta e mais polida. No kimaragang, um pedido expresso de forma imperativa, como *po-owit oku dikaw do sigup* (‘traga-me um pouco de tabaco’), se torna mais cortês com a inserção do frustrativo: *o-owit oku **dara** dikaw do sigup* (‘gostaria que você me trouxesse um pouco de tabaco’). Assim, o frustrativo introduz a possibilidade de que o pedido não seja atendido, suavizando a imposição da fala e funcionando como um marcador de cortesia.

Bertinetto (2005: 18-20) analisa a interação entre o futuro e o frustrativo no guarani chaquenho, demonstrando que a combinação desses elementos torna a realização do evento incerta, potencial, diferenciando-se do futuro simples, que apresenta o evento como certo ou altamente provável. Podemos correlacionar essa incerteza com o uso do frustrativo em pedidos, pois em ambos os casos há uma atenuação da certeza. No caso dos pedidos, o frustrativo suaviza a solicitação, tornando-a menos categórica, como ocorre em kimaragang (*dara*) e em ka’apor (*tipe*).

No caso do futuro frustrativo do guarani chaquenho, a incerteza introduzida pelo frustrativo indica que a realização do evento é menos garantida, tornando o futuro não categórico. Entretanto, como vimos nos exemplos (9-12) no ka’apor, a combinação de futuro e frustrativo apresenta um efeito distinto, indicando uma ação interrompida em vez de apenas um evento incerto. Isso sugere que, apesar da correlação funcional entre atenuação e incerteza, o papel específico do frustrativo pode variar entre as línguas.

Eu sei bem algo, mas poderia saber mais

Uma função interessante do marcador frustrativo aparece em contextos de avaliação do próprio conhecimento. Em um diálogo com Sarumã mãe (também conhecida como Filomena), ela respondia a perguntas do antropólogo André Sanches sobre pajelança. André é pesquisador de nosso

projeto de documentação (Godoy e Abreu 2022). Sarumã mãe afirmou que os pajés haviam desaparecido e que, atualmente, já não se sabia mais nada sobre pajelança. André então comentou que Salomão – filho de Sarumã mãe – teria dito que ela mesma era pajé. O diálogo que se segue mostra como o frustrativo aparece em uma hesitação que marca os limites de sua atuação, mesmo que ela tenha o saber da pajelança: “Eu só sei um pouco” (diz Sarumã mãe); “Só um pouco que você sabe?” (pergunta André); “Eu sei um tantinho assim... pouco... Não!” (responde Sarumã mãe, hesitando). Na sequência, ela diz:

- (15)
- | | | | | |
|------------|-------------------------|-------------|-------------|----------|
| <i>ihẽ</i> | <i>a-k^wa</i> | <i>katu</i> | <i>tipe</i> | <i>ã</i> |
| 1sg | 1sg-saber | bem | FRUST | ? |
- ‘Eu sei bastante (mas não tem efeito).’
Gênero: Diálogo
Contexto: Sarumã mãe comenta sobre os limites de seu conhecimento sobre pajelança.

O uso de *tipe* comunica que, apesar de dominar parte importante do conhecimento, sua atuação enquanto pajé é limitada ou interrompida. Assim, o frustrativo suaviza a declaração, expressando não apenas uma modéstia epistêmica, mas também uma adequação às condições que tornaram inoperante esse saber. Esse uso indica que, embora Sarumã mãe reconheça um certo grau de conhecimento, ele é avaliado como insuficiente ou limitado em relação ao esperado ou necessário — o frustrativo *tipe* qualifica essa insuficiência.

Um uso semelhante foi registrado com Faustino Rossi Kaapor, que, ao comentar sobre o processo de pacificação de seu povo, observou que já conhecia bem a história, mas que ainda estava pesquisando. Para expressar essa ideia de conhecimento em progresso e ainda incompleto, usou a mesma construção: *a-k^wa katu tipe* “sei bem, mas ainda assim (há mais para eu pesquisar)...”.

Quando Ywytu vê bicho como gente, a realidade é frustrativa

Uma narrativa ka’apor conta a história de Ywytu. Era um ka’apor cuja esposa estava grávida. Ela então aborta. Após o aborto de seu filho, sabendo ou não do ocorrido, Ywytu entra em um estado de vulnerabilidade. Apesar do aviso da esposa sobre os perigos espirituais, ele segue para a mata para caçar. Lá, encontra um veado-mateiro que, em vez de fugir, encara Ywytu, sendo um marco na alteração da sua percepção. Seu discernimento se apaga, e ele passa a ver a floresta de forma girada: o marajazal se torna um bananal, a água acumulada no toco de um cajueiro vira uma igaçaba de cauim. Nessa nova visão, Ywytu testemunha uma cerimônia conduzida por Tatus, que distribuem cauim aos animais, agora percebidos como gente. Embriagados, eles cantam e celebram, enquanto Ywytu permanece desorientado. A narrativa segue a

estrutura de um ciclo mítico, onde um estado de vulnerabilidade (aborto) leva a uma transgressão (caçar em um momento de poluição), resultando em uma consequência transformadora (acesso ao mundo animal), até que, por fim, ocorre o retorno do protagonista à sua realidade.

Uma das transformações na percepção do protagonista é que a noite vira dia. Na versão narrada por Kawasu Putyr, o momento em que isso acontece é codificado pelo *tipe*

(16)	<i>pɛ</i>	<i>pitun</i>	<i>ɔ-hɔ</i>	<i>ifo=jɛ</i>	<i>upa-ta</i>	<i>pitun</i>	<i>ɔ-hɔ</i>	<i>ifo=jɛ</i>
	então	escuro	3-ir	estar =HSY	fim-FUT	escuro	3-ir	estar =HSY
	<i>sawaʔɛ</i>	<i>kɔja</i>	<i>maʔã~maʔã=wɛ=tĩ</i>					
	homem	assim	olhar~olhar=ainda=também					
	<i>pɛ</i>	<i>wɛra=tipɛ=jɛ</i>						
	então	clareou=FRUS=HSY						

‘Então estava escurecendo. Estava terminando de anoitecer. O homem desse jeito também continuou olhando e olhando. Então, ficou claro [raiou o dia], contra a percepção esperada, conta-se.’

A discrepância entre o que se vê e o referente esperado em condições normais é também codificada pela sentença narrada por Sarumã (ou Ira te). A frase (17) abaixo surge quando Ywytu, após adormecer à beira da vereda, acorda em um estado alterado de percepção, resultado de sua vulnerabilidade espiritual. Anteriormente, ele sabia perfeitamente onde estava durante a caçada, mas ao despertar, seu discernimento foi invertido. Nesse momento, ele passa a ver o mundo de forma distorcida:

(17)	<i>pakɔ sarara-ti</i>	<i>rupi</i>	<i>tipe=jɛ</i>
	banana.espécie	ao.longo.de	FRUS=HSAY
	‘Ele estava (andando) por uma plantação de banana do tipo <i>sarara</i> , diz-se (mas na realidade estava andando no mato).		
	Gênero: narrativa mítica, por Sarumã (ou Ira te)		

Uma análise dessas sentenças é que ela significa o seguinte: no mundo, segundo uma percepção humana de um modo normal, estava anoitecendo ou se via uma espécie de floresta. Na percepção do mundo fora do normal do protagonista, amanheceu, enquanto deveria ter visto como noite. Também Ywytu viu elementos que indicam um assentamento humano (uma modificação cultural), a plantação de banana, enquanto deveria ter visto uma floresta.

O uso do morfema *tipe* aqui expressa a frustração de uma expectativa perceptiva: o que se apresenta como uma plantação organizada, de banana da variedade chamada *sararpa* – um indicativo de espaço habitado e modificado pela cultura humana – é, na verdade, um marajazal, uma zona selvagem. Há, portanto, uma quebra entre a percepção alterada do personagem e a realidade

compartilhada pelos humanos. O *tipe* opera nesse caso como marcador dessa incongruência cognitiva, sendo mais do que um frustrativo no sentido clássico de ação sem êxito: ele revela um descompasso entre mundo percebido e mundo compartilhado.

Em grande parte dos usos de *tipe*, ele é associado a ações que não alcançam seu efeito esperado, ou seja, são realizadas “em vão”. No entanto, no caso de Ywytu — o pai do filho abortado — não se trata de uma ação incompleta ou mal-sucedida, mas de uma distorção perceptiva. Há aqui uma avaliação do ponto de vista humano sobre a veracidade das entidades percebidas. Ywytu, em seu estado alterado de consciência, interpreta como humanas e culturais figuras e espaços que, de fato, pertencem ao mundo animal e natural. O frustrativo, nesse contexto, marca a frustração não de uma ação, mas da percepção em si, cuja validade é colocada em questão.

Concluindo em vão

Comecei apresentando um panorama do frustrativo no tupi antigo e em línguas aparentadas, destacando como essa categoria foi reconhecida desde os primeiros estudos da língua, já noséculo XVI, mas permanece, até hoje, pouco explorada. A análise das fontes históricas, como Anchieta e Montoya, revela diferentes morfemas que expressam algo de frustração (*βiã*, *jepe*, *tejẽ*, *ramwer*), muitas vezes com nuances concessivas, avaliativas ou ligadas à causalidade interrompida. Além disso, a comparação com línguas tupis modernas mostrou que a categoria frustrativa pode ter origens diversas, incluindo a gramaticalização de termos ligados ao insucesso na caça, como panema. No entanto, os estudos descritivos frequentemente se limitam a listar os morfemas sem fornecer dados suficientes sobre seu funcionamento discursivo e semântico, tornando necessária uma investigação mais aprofundada sobre seu escopo e variação.

Ao analisar o *tipe* em ka’apor, busquei contribuir humildemente para essa lacuna, oferecendo uma descrição detalhada de seus usos em contextos reais.

Tabela 1 – Exemplos do frustrativo em ka’apor

Ex.	Sentença	Tradução livre	Construção	Função do frustrativo
(2)	<i>ne rehe ja-jur =tipe ã</i>	Vimos debalde até você	Afirmativa + frustrativo	Frustração de resultado esperado (espíritos não levam Mati)

(3)	<i>i-mũ-rakehar rehe i-fɔ</i> =jɛ <i>nif(ɔj)* anĩ tipe</i> =jɛ <i>aʔɛ u-kʷa-ha tɛʔɛ aja</i> <i>maʔã-im tipe i-fɔ ɛɛ</i> =jɛ	Estava junto da esposa do irmão. Mas não (era verdade), era o que ele pensava. Em vão (não estava olhando para ela).	Negação + frustrativo	Evento imaginado causa ação real; frustração da negação
(4)	<i>A'ĩ pandu ym tipe</i>	A velha não falou em vão	Negação + frustrativo	Negação frustrada (descobriram a mulher)
(5)	<i>Puhã aja saka. Awa u'u ym tipe. I'ar pe awa pyrũ tĩ. Pe mupyano.</i>	Embora não se beba, é tratado	Negação + frustrativo	Frustração de expectativa causal (remédio de cura sem ingestão oral)
(8)	<i>amɔ kɔtɪ aja saka tipe</i>	Infelizmente, agora as coisas estão diferentes	Afirmativa + frustrativo	Frustrativo avaliativo
(9)	<i>aɛ jukʷa-ta tipe ã</i> <i>aja=jɛ</i>	Ele tinha ido matar Aé, assim disse	Futuro + frustrativo	Ação esperada não realizada
(10)	<i>Mari ke hijar ta tipe</i>	Ele iria abandonar Maria	Futuro + frustrativo	Intenção não realizada
(11)	<i>aja ymanihar...</i> <i>i-ma'e~ma'e-ta tipe</i> <i>rahã</i>	Se eu tivesse feito, Sodoma existiria	Futuro + frustrativo	Contrafactual
(12)	<i>u-kwer-ym-ta tipe</i>	Não dormiria	Negação + futuro + frustrativo	Contrafactual negativo com frustrativo
(13)	<i>kujãtãj tipe <22 anos></i> <i>ahĩha namɔ</i> <i>i-fɔ</i>	Embora sejam moças, estão doentes	Nome + frustrativo	Frustração de expectativa nominal (concessiva)
(14)	<i>heta a-putar tipe</i>	Eu gostaria de muitas (cartilhas)	Desejo + frustrativo	Pedido polido
(15)	<i>ihẽ a-k ʷa katu tipe ã</i>	Eu sei bem, mas sem poder pajelar	Afirmativa + frustrativo	Reconhecimento de limitação da ação a despeito do conhecimento
(16)	<i>pe pitun ɔ-hɔ ifo=jɛ</i> <i>upa-ta pitun ɔ-hɔ ifo=jɛ</i> <i>sawaʔɛ kɔja</i> <i>maʔã~maʔã=wɛ=tĩ</i> <i>pe wera=tipe=jɛ</i>	Então, estava escurecendo, terminando de anoitecer. O homem, desse jeito continuou olhando. Então, ficou claro, contra a percepção esperada	Afirmativa + frustrativo	Percepção frustrada; distorção cognitiva (noite por dia)
(17)	<i>pakɔ sarara-tɪ rupi</i> <i>tipe=jɛ</i>	Andava por bananal (mas era mato)	Afirmativa + frustrativo	Percepção frustrada; distorção cognitiva (floresta por plantação)

A língua ka'apor apresenta o enclítico *tipe* — frequentemente combinado com *ã*, sem alteração semântica aparente — que desempenha diversas funções, entre elas a de frustrativo, previamente identificada na literatura (Kakumasu 1986: 390). Um exemplo dessa função está em (2), retirado de um canto transmitido pelas almas dos mortos para Mati quando ele estava gravemente doente, mas depois se recuperou.

Quando o frustrativo aparece em uma oração negativa, um evento não realizado pode gerar efeitos equivalentes aos de um evento afirmativo. Em (3), a traição nunca ocorreu, mas o marido ciumento interpretou erroneamente a situação e agiu como se tivesse ocorrido. Em (4), o silêncio da avó Onça ao esconder a mulher grávida é frustrado, pois, apesar da negação de informação, o resultado esperado (a descoberta da mulher) se concretiza. No comentário sobre a casca de ipê como remédio em (5), *tipe* revela um deslocamento na relação entre ação e consequência: mesmo sem ingestão, o efeito terapêutico ocorre, desafiando pressupostos causais convencionais. A comparação com os exemplos (6) e (7) do sakurabiat (Galucio 2014) revelou uma diferença fundamental: enquanto no ka'apor o frustrativo pode atuar sobre eventos negados sem anulá-los, no sakurabiat ele tende a cancelar a negação, transformando eventos quase não realizados em ocorrências efetivas. Assim, o frustrativo pode interagir com a negação de formas distintas, variando entre manter, modificar ou até reverter os efeitos de uma proposição negada.

Em (8), analisamos o uso de *tipe* como frustrativo avaliativo, expressando insatisfação diante de uma mudança indesejada, de forma similar a advérbios como infelizmente (Overall 2017). Em (9), exploramos sua interação com o futuro (-*ta*), que marca intenções frustradas e cenários contrafactuais, como na narrativa do caçador desaparecido (9) e na hipótese de redenção de Sodoma (11). Quando o frustrativo abrange a negação com o futuro contrafactual, como em (12), sinaliza que dadas determinadas circunstâncias o evento negativo poderia ter acontecido, mas não aconteceu. A interpretação é diferente de quando abrange apenas a negação (3-5), sendo que o evento negativo tem resultados como se fosse afirmativo.

Em (14), mostramos como *tipe* atenua pedidos, tornando-os mais corteses ao indicar que a realização do desejo não é garantida. Já em (16), vimos *tipe* modificando um nome (podendo ser um predicado nominal ou um sintagma nominal) em vez de escopar o sintagma verbal, assumindo uma leitura concessiva, como no caso de *kujâtāj* (“moça”), onde a expectativa de vitalidade é frustrada pela doença.

Em (15), *tipe* marca conhecimento parcial, expressando que algo é sabido, mas com efeitos limitados e, logo, há espaço para saber mais, suavizando afirmações categóricas. Por fim, em (16) e (17), *tipe* atua na frustração de expectativas perceptivas, como na narrativa de Ywytu, onde sua visão transformada entra em descompasso com a realidade compartilhada pelos humanos.

A análise do frustrativo *tipe* no ka'apor demonstra sua versatilidade, atuando desde a marcação de eventos não realizados até a modulação de percepção e avaliação subjetiva. Em comparação com outras línguas tupianas, *tipe* apresenta usos inovadores, especialmente na interface entre negação, concessividade e epistemicidade. Sua capacidade de operar em diferentes níveis da estrutura linguística – orações, nomes e discurso pragmático – sugere que frustratividade no ka'apor não é apenas um fenômeno modal, mas um recurso discursivo sofisticado.

Espero que não seja em vão esse artigo, que instigue a pensar como o ka'apor e outras línguas codificam expectativa, causalidade e interpretação do mundo através desse conceito comparativo que chamamos de frustrativo. Há ainda muitos outros exemplos a tratar e contextos a aclarar em ka'apor, inclusive de vários dados fornecidos durante a escrita desse artigo. Entretanto, creio que essa homenagem do difusor da categoria do frustrativo é debalde: esse artigo pode servir de demonstração de um trabalho descritivo que ainda esta por ser feito em várias línguas, incluindo o ka'apor. Enfim, a linguística é longa e a vida, mesmo que da escala dos anos que viveu Aryon Rodrigues, é curta.

Referências

ANCHIETA, José de. **Arte de grammatica da lingva mais vsada na costa do Brasil**. Coimbra: Antonio Mariz, 1595.

ANCHIETA, José de. **Teatro**. Seleção, introdução, notas e tradução do tupi por Eduardo de Almeida Navarro. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERTINETTO, Pier Marco. On the tense-aspect system of Bolivian - Chaco Guaraní. In: **MÜNSTER CONFERENCE ON TUPÍ-GUARANÍ LINGUISTICS**. Münster, 2005. p. 1–56.

CHAMORRO, Graciela. Antonio Ruiz de Montoya y sus léxicos de la lengua guaraní: posibilidades de uso en la historia y en la antropología. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 6, n. 2, p. 429–449, 2014.

COPELY, Bridget. O’odham ‘cem’. In: BECKER, Michael; McKENZIE, Andrew (ed.). **The proceedings of the third meeting of Semantics of Underrepresented Languages of the Americas (SULA 3)**. Amherst: GLSA, 2005.

CRUZ, Aline da. **Fonologia e gramática do Nheengatu: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit Amsterdam, Amsterdam, 2011.

CRUZ, Aline da. Towards an understanding of the origin of aspectual marks on nouns: evidence from Nheengatu and Tupinambá. In: QUEIXALÓS, Francesc; GOMES, Dione M. (org.). **O sintagma nominal em línguas amazônicas**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

DIETRICH, Wolf. Sintaxis del guaraní chaqueño (chiriguano, tupí-guaraní): la cláusula y las relaciones interclausales. **Amerindia**, n. 33/34, p. 333–363, 2009.

DOOLEY, Robert A. **Léxico guarani, dialeto Mbyá: com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa linguística**. Cuiabá, MT: Sociedade Internacional de Linguística, 2006.

FERRAZ GERARDI, Fabrício. **A role and reference grammar description of Tupinambá**. Tübingen: Tübingen Library Publishing, 2023.

GALUCIO, Ana Vilacy. Discourse and epistemic modality in Mekens: the frustrative construction. **Revista Linguística**, v. 10, p. 163–179, 2014.

GODOY E SILVA, Gustavo de. Língua de sinais, gestos e cores: o caso ka'apor. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, v. 22, p. e022012-e022012, 2022.

GODOY E SILVA, Gustavo de. É o tempo dos gestos nos sinais. **Linguística**, v. 16, n. 3, p. 60-102, 2020.

GODOY E SILVA, Gustavo de; ABREU, André Sanches de. **Yman har ma'e pandu ha: myths and accompanying co-speech gestures in Ka'apor**. Endangered Languages Archive, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2196/333h4354-as2w-2282-g85q-98h4b458990o>. Acesso em: 20 mar. 2025.

GRANNIER, Daniele Marcelle. A criação do espaço institucional da linguística e dos estudos das línguas indígenas no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 30, spe, p. 479–502, 2014.

HALE, Kenneth. Papago /čim/. **International Journal of American Linguistics**, v. 35, n. 2, p. 203–212, 1969. DOI: <https://doi.org/10.1086/465055>.

JENSEN, Cheryl. Comparative Tupí-Guaraní morphosyntax. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (ed.). **Handbook of Amazonian Languages**. v. IV. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 489–618.

KAKUMASU, James. Urubu-Kaapor. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (ed.). **Handbook of Amazonian Languages**. v. I. Berlin; Boston: Mouton de Gruyter, 1986. p. 326–406.

KROEGER, Paul. Frustration, culmination, and inertia in Kimaragang grammar. **Glossa**, v. 2, n. 1, 2017.

KROEGER, Paul. Frustratives in St'át'imcets vs. Kimaragang: parameters of variation. **Glossa**, v. 9, n. 1, p. 1–35, 2024.

LIGA BÍBLICA INTERNACIONAL. **Tupã Je'êha: o Novo Testamento na língua Urubu-Kaapor do Brasil**. [S.l.]: Liga Bíblica Internacional, 2012.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. **Língua Asurini do Xingu: observações gramaticais**. Altamira, PA: Prelazia do Xingu; Conselho Indigenista Missionário, 1998.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Arte de la lengua guaraní. Edição facsimilar com introdução e notas por Bartomeu Melià**. Asunción: CEPAG, 1993.

(original de 1640).

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil**. São Paulo: Global, 2013.

OVERALL, Simon E. A typology of frustrative marking in Amazonian languages. In: MATTHEWS, Peter (ed.). **The Cambridge handbook of linguistic typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 477–512.

PAYNE, David L. **The phonology and morphology of Axininca Campa**. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1981.

PEREIRA, Antônia Alves. **Estudo morfossintático do Asurini do Xingu**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

PRAÇA, Walkíria Neiva. **Aspectos da modalidade epistêmica em Tapirapé**. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 8, n. 2, p. 343–357, 2013.

PRIEST, Perry N. Estudios sobre el idioma Siriono. In: **Notas Linguísticas de Bolivia**. Riberalta: Instituto Lingüístico de Verano; Ministério de Educación y Cultura, 1980.

180

RODRIGUES, Arion Dall’Igna. Morfologia do verbo tupi. **Letras**, n. 1, p. 121–152, 1953.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, Ariel Pheula do Couto e. **Elementos de fonologia, morfologia e sintaxe da língua Avá-Canoeiro do Tocantins**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, Gino Ferreira da. **Construindo um dicionário Parakanã-Português**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá. **Descrição Gramatical Da Língua Araweté**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

VILLAFÁÑE, Lucrecia. **Gramática Yuki: Lengua Tupí-Guaraní de Bolivia**. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit Nijmegen, Nimega. 2004